

RUÍNA MUSICAL

O saxofone chora sobre a pátina
dos corações órfãos
e também dos mendigos
derramados no chão.

É tocado por um velho
com a paixão do alcatrão
e a ruína duma música
escutada antigamente
na cidade dos escribas.

Agora recolhe melodias tristes
e aguaceiros melancólicos
no seu chapéu de trapo anil,
para acompanhar as cenas
dos transeuntes desfilando
as suas olheiras carnavalescas.

A cidade embriaga-se
de cartazes quebrados e néones restaurados
sob o sol noturno
de um dia agonizante e resistente.

As estátuas marcham sonâmbulas
entre as horas gastas
no campanário da catedral.

A assimetria das árvores
abrigam as medulas dos esquilos
que percorrem a charneca dos meus olhos.

O tumulto celebra o meu reencontro
com as sombras do passado
que extinguiram as minhas dores
nas horas desesperadas
entre a palpitação de um latido rotineiro.

Aqui me detenho...
Agora só me emociono
com a nota rouca deste saxofone
que percorre a anatomia da música
e me permite recordar
o feliz que fui
traçando pautas desafinadas
para encontrar-me com a poesia.
na minha Mérida nostálgica.

O saxofone chora...
e a neblina espalha-se
na ruína deste dia percorrido
sobre a plumagem urbana
do meu cansaço transitório.

Ramón Uzcátegui, sc
(FOTO: [Jens Thekkeveettil](#))

